

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



1290003470



TCC/UNICAMP An88d

**Alline Angelina Zampola Antonio**

**DESVENDANDO A IMPORTÂNCIA DA ARTE**

**Campinas**

**2007**

**UNICAMP - FE - BIBLIOTECA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**Alline Angelina Zampola Antonio**

**DESVENDANDO A IMPORTÂNCIA DA ARTE**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do Professor Doutor Adilson Nascimento de Jesus.

**Campinas**

**2007**



© by Aline Angelina Zampola Antônio, 2007.

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA:	JCC/UNICAMP
	An88d
VIA	EA
TORÇÃO	3470
PROG	129/08
CO	X
PREÇO	11,00
DATA	02/03/08
Nº CPD	425712

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Antônio, Aline Angelina Zampola.  
An88d Desvendando a importância da arte / Aline Angelina Zampola Antônio. —  
Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Adilson Nascimento de Jesus.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Arte e educação. I. Jesus, Adilson Nascimento. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

07-606-BFE

***Aos pais Sandra e João, irmãos André e Allan, ao grande companheiro Rafael que sempre me apóiam com muito carinho e a todos amigos e familiares que compartilham comigo o interesse pela educação e pela arte...***

*Minha gratidão, em especial, ao Professor Adilson, que me orientou com muita compreensão e paciência; a todos os funcionários da Abamba e Diretor Beto Regina, que abriram as portas da instituição para que eu pudesse conhecer o trabalho ali desenvolvido; a todos os meninos bailarinos que me ajudaram a desenhar este trabalho através de suas experiências de vida; e a todos os amigos e professores que participaram direta ou indiretamente do desenvolvimento e conclusão deste trabalho.*

***“Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo”.***

Carlos Drummond de Andrade

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma discussão sobre a especificidade da arte e os benefícios que ela oferece à formação humana.

Sabemos que, apesar da arte nos acompanhar há aproximadamente quarenta mil anos – antes mesmo da filosofia e da ciência –, atualmente ela não se faz presente em nossas vidas. Vivemos num contexto que valoriza demasiadamente o saber lógico científico e acaba por ignorar que cada pessoa carrega consigo diferentes e diversas emoções, sensações e sentimentos que, por vezes, são incomunicáveis, mas podem ser conhecidos e expressos por meio da arte. Ou seja, o ser lógico precisa co-existir com o ser sensível.

Para desenvolver o tema fiz uma pesquisa bibliográfica que me ajudou a definir o papel exercido pela arte e fui conhecer o trabalho realizado pela **Abamba**, uma instituição não governamental que proporciona a meninos da periferia de Campinas e Região Metropolitana, além de uma formação profissional em dança, vivências artísticas através do teatro, circo, música e artes plásticas que se mostram muito determinantes em suas vidas. Buscando as reais implicações dessas vivências, coletei depoimentos dos meninos bailarinos que frequentam a instituição há aproximadamente seis anos.

O conhecimento dessas trajetórias de vida permitiu-me afirmar que a arte dá unidade a esse homem que vive num contexto tão marcado pela fragmentação do conhecimento, o que acaba por limitar a concepção global de mundo e de homem. Assim, a arte vem a ser um caminho maior de conhecimento, de conscientização da pessoa, pois ela permite que desenvolvamos nossas potencialidades,

individualidades e criatividade, o que é essencial para o autoconhecimento e um bom relacionamento com o mundo. Como já disse Bertold Brecht, através da arte o homem aprende a produzir-se a si mesmo.

O desenvolvimento do tema traz uma reflexão sobre a necessidade das escolas enxergarem seus educandos como seres ativos e dotados de razão, emoção, espiritualidade, em detrimento da preocupação exclusiva com a transmissão de conhecimentos e, erroneamente, com a padronização de comportamento. Permitindo que a arte seja vivenciada por nossos “alunos”, estaremos abrindo as portas para que eles entrem num processo de autoconhecimento e, assim, ganhem autonomia para traçar a trajetória de suas vidas de forma consciente e integral.

## SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO ..... 9**

### CAPÍTULO I

**O QUE É ARTE? QUAL A SUA IMPORTÂNCIA? .....16**

### CAPÍTULO II

**O TRABALHO DA ABAMBA . ..... 25**

### CAPÍTULO III

**DEPOIMENTOS: MENINOS BAILARINOS DA ABAMBA FALAM SOBRE A  
IMPORTANCIA DA ARTE EM SUAS VIDAS ..... 30**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 40**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 43**

**ANEXO .....46**

## APRESENTAÇÃO

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

(Larrosa, 2002).

Escolhi esta citação de Larrosa para iniciar a apresentação deste trabalho porque fora o conjunto das minhas vivências significativas - experiências que verdadeiramente me tocaram - que me levou a estudar a questão da importância da arte para a constituição integral do homem.

Inicialmente, a condição de estagiária do curso de Pedagogia me ofereceu a oportunidade de conhecer a Obra Social Externato São João Dom Bosco, uma entidade sócio-educativa de Campinas que atende meninos e meninas em situação de risco e em situação de liberdade assistida. Tal instituição divide seu espaço para a realização de dois eixos distintos de trabalho que não atendem as mesmas pessoas: oferecimento de educação não-formal em um espaço e oferecimento de educação formal pelos profissionais da Prefeitura de Campinas em outro.

Primeiramente, fui para a parte de educação formal, nesse ambiente conheci meninos e meninas de 13 a 18 anos que, em sua maioria, apresentavam uma resistência muito grande à situação da sala de aula e aprendizado de conteúdos escolares.

Fiquei bastante preocupada com o cenário que encontrei. Estava ali um grande número de jovens que desafiavam educadores, intimidavam colegas e profissionais contando em voz alta sobre o último roubo que havia realizado ou sobre o uso de drogas. Mas, eu precisava cumprir minhas horas de estágio e continuei indo à instituição mesmo com pouca vontade de estar ali.

Chegou o dia que tive acesso às quadras esportivas e aos ambientes onde eram trabalhadas as atividades artísticas: música dança, capoeira e teatro. Fiquei impressionada ao visualizar grupos de adolescentes concentrados e empenhados naquelas atividades. Se um lado da instituição era triste, o outro era repleto de talentos, expressividade, vida...

Acabei observando algumas oficinas de educação não-formal: capoeira, teatro, hip-hop, coral e dança de salão. Era muito bom estar ali. A relação dos meninos e meninas com os educadores era muito agradável, existia ali o prazer de aprender, de agir, de sentir. A arte estava presente naquelas vivências.

Um acontecimento me marcou bastante. Era um dia de chuva e, como a aula de hip-hop acontecia na quadra de esportes e o rádio não era tão bom, a turma precisou ir para a sala de aula e o professor sugeriu que eles assistissem ao vídeo de um campeonato de hip-hop que aconteceu na França no ano de 2005. Os meninos ficaram muito entusiasmados com a idéia e logo se acomodaram nas carteiras enquanto o professor instalava o DVD. Quando as imagens daquelas pessoas dançando começaram a surgir, os olhos dos meninos ficaram ali vidrados e, com o passar do tempo, seus corpos começavam a se mover na tentativa de realizar os movimentos da dança. Alguns já sabiam a coreografia toda. No final, a preocupação era executar movimentos, discutir sobre a apresentação que iam fazer

na próxima semana, sobre as roupas que iam usar, sobre sugestões de coreografia, enfim, tudo aquilo significava muito a eles.

Tal experiência me levou a olhar para a questão da importância da arte em nossas vidas, e, sobretudo na vida de pessoas que se encontram nas margens da sociedade, visto que, para elas, muitas vezes, a arte não é uma necessidade, mas sim, um artigo de luxo.

Eu tinha idéia de que, principalmente, numa sociedade tão violenta como a nossa era necessário que as pessoas encontrassem formas de expressão, de libertação de ataques inconscientes que sofremos a todo o momento e que, por meio da arte, era possível satisfazer uma necessidade instintiva de escape. Como afirma César (1929), pela arte é possível *“representar descargas acumuladas de emoções, durante muito tempo, no subconsciente adormecidas pela censura, em virtude de certos impulsos de ordem moral”*.

Minha mobilização ficou em torno da leitura de alguns textos e repentinas visitas à instituição.

O tempo passou, até que um dia surgiu um pequeno problema de ordem pessoal que despertou em mim uma preocupação; os medos começaram a tomar conta de mim e, a partir disso, fiquei durante, aproximadamente, seis meses em profunda depressão.

No início, eu tinha a ilusão de que eu iria acordar bem no dia seguinte, afinal, o que as pessoas mais diziam era: “Você precisa de uma boa noite de sono!”. Mas, as noites de sono foram acontecendo e minha condição só piorava. Era muito choro, cada dia um conjunto de medos diferentes: medo de morte, de doença, de perder algum ente querido, enfim. Foi um período de muito sofrimento e de muitas visitas a

médicos. Alguns chegaram a me “dopar” com fortes remédios antidepressivos, eu sentia muito sono e muitas dores pelo corpo.

Para fugir daquela situação procurei aprimorar meu lado espiritual, o qual ficou adormecido por muito tempo. Passei a freqüentar, então, o Espiritismo Kardecista, o qual colaborou para que eu ganhasse força e confiança, afinal, eu precisava me conhecer melhor para ganhar autonomia diante aquela crise.

Decidi parar com os remédios. Encontrei um psiquiatra e psicanalista que me sugeriu a terapia, o que também me ajudou a superar meus medos. E, por consequência, desafiei minhas dores no corpo e resolvi voltar à faculdade, voltar a freqüentar cinemas e a sair para caminhar no quarteirão. Eu queria melhorar, parecia que meu EU estava perdido, eu não me reconhecia em meus atos, em meus pensamentos, em meu sentir.

Minha família estava muito aflita, eles queriam que eu voltasse logo a “normalidade”. Meu pai e meus irmãos, praticantes da capoeira, me levavam para assistir os treinos, dessa forma eu me distraía e não ficava em casa sozinha dando asas a minha imaginação negativa. O tempo foi passando e, o som do berimbau somado às vozes do coro e aos movimentos da ginga me conquistaram. Eu já não sentia mais tanto sono, nem tantos medos, então, resolvi fazer os treinos. Eu não sabia se aquilo ia dar certo, se eu ia acompanhar as aulas, mas eu queria estar ali. Aquilo me trazia, novamente, a sensação de prazer, a qual estava perdida há tempos.

Foi com esse conjunto de elementos da religião, ciência e arte que fui melhorando e acabei ganhando uma grande paixão pela capoeira, a qual é originária do movimento de resistência dos negros escravizados do Brasil, os quais construíam

seus movimentos de luta e dança inspirados nos movimentos dos animais e instrumentos de trabalho. Os jogos de capoeira acontecem sempre ao som combinado do berimbau, atabaque, pandeiro e agogô que dão ritmo às canções que falam sobre a situação do negro no contexto de escravidão e que interpretam a sociedade.

Além disso, aquela inclinação inicial pelos estudos sobre a importância da arte se tornou um grande tema para mim, visto que através desses estudos comecei a compreender melhor minha própria vida. Foi por meio da arte da capoeira que passei a conhecer meus sentimentos, meu corpo, minhas necessidades de expressão e até mesmo minha necessidade de, ao transpirar com o calor dos treinos e ao sentir prazer em realizar tal atividade, também renovar minhas energias. Afinal, somos seres formados por moléculas que se constituem por átomos que não são inertes, pelo contrário, segundo Capra (1982), eles vibram em função da sua temperatura e em harmonia com as vibrações térmicas do seu meio ambiente. Então, nosso corpo humano é feito de um corpo ou campo de energia que é influenciado por vários outros campos energéticos (de outras pessoas, do sol, da lua, da terra, de pensamentos, de emoções, etc.), por isso, para vivermos de forma consciente e com qualidade precisamos aprimorar a percepção sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta.

O desejo de me aprofundar nesse campo de conhecimento me levou até a Abamba, onde estão meninos que, assim como eu, qualificaram suas vidas por meio da expressão artística. Nas minhas visitas, dois desses meninos aceitaram depor sobre que papel, que importância exerce a arte em suas formações pessoal e social.

Saber que no interior de muitas ONG's (Organização Não Governamental) a arte-educação está presente é muito satisfatório, visto que, infelizmente, nossas escolas não vêem a arte como estrutura do ser humano, portanto, não a vêem como necessária à formação humana. Foi nesse contexto educacional que muitos de nós fomos educados para a imobilização, para a passividade, para o silêncio, para o individualismo, negando nossas necessidades essenciais de sensibilidade, expressão, criatividade e comunidade.

Para desenvolver a questão da **importância da arte** com mais clareza esse trabalho de conclusão de curso será dividido em três partes; a **primeira parte** tratará da especificidade da arte e suas implicações na nossa formação enquanto pessoas; a **segunda parte** destacará o trabalho desenvolvido particularmente pela Abamba, uma instituição não governamental que coloca a dança na vida de meninos oriundos das periferias de Campinas e Região Metropolitana; a **terceira parte** trará depoimentos de dois meninos bailarinos da Abamba, que estão na instituição há aproximadamente seis anos e ali se formaram pessoas e profissionais.

Como profissional e amante da educação que sou, inevitavelmente, esse trabalho de conclusão de curso buscará a todo o momento o lugar da arte dentro de instituições escolares, afinal, a escola precisa olhar e trabalhar todos os aspectos de seus "alunos" em detrimento de privilegiar apenas o cognitivo. Precisamos de pessoas que olhem para si, que andem na contra-mão da massificação e padronização de comportamento. E, para a formação dessas pessoas a arte, certamente, é fundamental. De acordo com Vincenti (1994, p. 17):

*[...] a marca do verdadeiro não é nem o resultado, nem o enunciado do saber, mas o caminho, o método que permitiu que se atingisse a*

*conclusão e que se constituísse o conhecimento como tal [...] para possuir a verdade é preciso produzi-la a partir de si mesmo [...].*

Dessa maneira, esse trabalho não possui um fim em si próprio, mas têm como objetivo principal destacar a arte como algo necessário para o despertar de nossos corpos racional, espiritual, cultural e sensível; como algo fundamental para nossa formação humana.

## CAPÍTULO 1: O QUE É ARTE? QUAL A SUA IMPORTÂNCIA?

“A ciência põe ordem em nossos pensamentos, a moral em nossas ações e a arte na apreensão das aparências visíveis, tangíveis e audíveis”.

(E. Cassirer)

Difícilmente encontraremos uma palavra que explique o que é arte. Por isso, precisamos percorrer pela história e pelo conhecimento sobre o ser humano para descobrir o que ela é e por que ela deve ser vivenciada por nós.

Acredito que tal questionamento se dê porque as vivências artísticas, apesar de acompanhar a espécie humana antes mesmo da filosofia e da ciência, há aproximadamente quarenta mil anos, não estão tão presentes em nossas vidas como deveria. Para entendermos melhor a questão e, posteriormente, conhecer a especificidade da arte, é válido percorrermos um pouco pela nossa história.

Nos séculos XVI e XVII, a perspectiva medieval mudou a noção de um universo orgânico, vivo e espiritual em prol dos conhecimentos lógicos para que o homem dominasse, cada vez mais, a natureza. Isso fez com que a sensibilidade humana, inerente à arte, fosse desvalorizada.

Muitos pensadores e filósofos contribuíram para a construção desse mundo racional. Um dos mais importantes e, indicado por muitos especialistas como pai do racionalismo, foi Renè Descartes, o qual não via vida ou espiritualidade na matéria e, por isso, utilizou seu método analítico, tentou apresentar uma descrição precisa de todos os fenômenos naturais num único sistema de princípios, como se a natureza fosse verdadeiramente uma máquina. O racionalismo, que domina até hoje o método científico de análise lógica, pode consistir em considerar a razão como essência do

real, tanto natural quanto histórico. Sustenta a primazia da razão, da capacidade de pensar, de raciocinar, em relação ao sentimento e à vontade, pressupondo uma hierarquia de valores entre as faculdades psíquicas; ou a posição segundo a qual somente a análise lógica ou a razão pode propiciar desta forma o desenvolvimento da análise científica, do método matemático, que passa a ser considerado como instrumento puramente teórico e dedutivo, que prescinde de dados empíricos, aplicados às ciências físicas que levaram a uma crescente fé na capacidade do intelecto humano para isolar a essência no real e ao surgimento de uma série de sistemas metafísicos fundados na convicção de que a razão constitui o instrumento fundamental para a compreensão do mundo, cuja ordem interna, aliás, teria um caráter racional.

Para melhor explicar, o racionalismo julga que o conjunto de aptidões, em função das quais os indivíduos aprendem mais rapidamente novas informações e se revelam mais eficientes no manejo e aproveitamento adequado de conhecimentos já armazenados por meio de aprendizados anteriores e empíricos, podem fazer com que através da análise lógica se descubram processos ou sistemas mais rapidamente pelo método lógico e matemático, ao invés do método empírico, pois o empirismo leva em conta a tentativa e erro, enquanto que o método lógico e a análise crítica levam às respostas necessárias minimizando a necessidade do experimentalismo prático.

No século XIX, muitos cientistas abandonaram a visão cartesiana de mundo, visto que fora descoberta a evolução biológica, a constante transformação do universo. A busca pelo desvendar do mundo leva ao surgimento de uma nova física: a Física Quântica, a qual defende que o todo determina as partes e não o contrário defendido pela Física Clássica. Segundo Capra (1982), o universo deve ser pensado

como um todo dinâmico, indivisível, cujas partes estão, essencialmente, interrelacionadas e só podem ser entendidas como um processo cósmico.

A Física Quântica, então, não vem a ser uma mera teoria, mas sim uma nova forma de enxergar o mundo. Uma forma bastante distante dos pontos de vista que desde a época de Descartes e Newton, dentre outros, foram sendo assimilados e repisados até que constituíssem um 'senso comum' dos dias de hoje, ao qual ainda não estão incorporadas às novidades do ponto de vista quântico.

Vê-se que nossa sociedade vive uma grande crise em todas suas esferas. Não precisa muito para encontrarmos exemplos de problemas na área da educação, da economia, da saúde, no meio ambiente, na relação entre países, entre pessoas, enfim. Se direcionarmos olhares críticos para tal cenário, veremos que a predominância histórica da razão absoluta somada a tendência de especializações que dividem o conhecimento em várias partes, acaba por colocar limites para uma concepção de mundo e, conseqüentemente, do ser humano como um todo. Dessa forma, devemos rever as estruturas sociais e individuais que foram construídas historicamente a partir dessa visão cartesiana mecanicista e racional. Segundo Cavalari (2005, p. 13):

*Se a nível subatômico não podemos mais separar nem um objeto do outro, ou um ser de outro, por que ainda há insistência em separar num único indivíduo o que é físico do que é mental, emocional ou espiritual?*

Toda essa discussão me levou ao aprimoramento da noção de pessoa. Acabei me deparando com os escritos de Emmanuel Mounier e Buber sobre a Filosofia do Personalismo, a qual surge na França dentro de um contexto de guerras no início do século XX, um período que a Europa, pelas palavras de Mounier (1930), viveu grande crise política e espiritual. Estudiosos do assunto afirmam que o

personalismo não propõe uma filosofia da história, nem uma antropologia, nem uma teoria política, antes se apresenta como um movimento de ação social cristão que une fortes elementos comunitários com a reflexão conceitual de raiz teológica sobre o **sentido transcendente da vida**. Por isso que os personalistas não gostam de se considerar militantes de um sistema ou de uma "ideologia", assumindo antes o personalismo como uma **orientação da vida em sentido comunitário**. Assim, esse movimento consiste, mais do que numa teoria fechada, numa "matriz filosófica" ou uma tendência de pensamento dentro da qual são possíveis matrizes muito diversas, mas que têm em comum assumir a perspectiva crente e a condição dialógica da pessoa, quer dizer, a aposta no diálogo comunitário, como condição que torna possível a filosofia. Para compreender a sua proposta é necessário assumir, quase como axioma, ou como regra de vida, que "pessoa" significa muito mais que "homem", e inclusivamente simboliza o contrário de "indivíduo", elemento tão valorizado na sociedade capitalista/ competitiva.

Para Foucault (1986, p. 80), por exemplo:

*(...) o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica.*

O Personalismo surge na contramão do capitalismo e defende que a "pessoa" se realiza apenas como um ser aberto para o "tu", formando o "nós". **O homem é, por essência, um ser social, um ser que precisa estar interagindo com o outro, o que explica a negação da pessoa como indivíduo competitivo, egoísta e engessado.**

É importante ressaltar que a “pessoa” é um ser particular que busca expressar-se, dizer-se através do sensível.

A partir disso, acabei elaborando melhor meu entendimento sobre arte, a qual só pode existir numa relação de diálogo criativo e responsável entre a pessoa e outros homens e/ou natureza. **A arte, então, acaba instaurando a comunidade, as relações interpessoais e sociais.**

Para explicar melhor essa idéia, dizemos que a expressão artística do EU só se realiza e se completa com a intervenção do TU. É por isso que uma obra de arte, por exemplo, é fruto da pessoa que a produz e daquelas que a contemplam recriando-a.

O homem além de ser racional, é sensível. Diante disso, descobrimos a **essência da arte**: aprimorar a sensibilidade humana, o que, por consequência, contribui para que as pessoas se conheçam melhor e se relacionem de forma consciente e autônoma com seus pares e meio ambiente.

Para Barbosa (1986) a arte desperta a atenção de cada um para o seu modo particular de sentir, sobre o qual se elaboram todos os processos racionais. Complementar a essa afirmação está a idéia defendida por Porcher (1982), que diz que o homem deve encarar o mundo como uma paisagem que conta com diversos estímulos e, não, como uma série de utensílios. Dessa forma, a arte pode estimular um melhor domínio corporal e intelectual, um melhor equilíbrio psicológico, uma maior capacidade de expressão e comunicação, o que dinamizaria a interação e enriqueceria as relações entre pessoas.

Cada pessoa carrega consigo diferentes e diversas emoções, sensações e sentimentos que, por vezes, são incomunicáveis, mas podem ser conhecidos e

expressos por meio da expressão artística. Ou seja, o ser lógico divide o lugar com o ser sensível. Diante disso, Duarte Júnior (1981, p. 124) coloca:

*É necessário que a expressão e a comunicação sejam integralmente garantidas aos seus membros, sob pena de a vida perder seu sentido e coerência. A arte (...) adquire função essencial, por exprimir e construir aquilo que está fora dos limites da razão discursiva.*

Raramente refletimos sobre nossa sensibilidade, visto que o conhecimento que se faz dominante e “importante” é o lógico-científico. Mas, esse despertar para o sensível é muito importante como afirma Schiller (1963, p. 56):

*[...] o caminho para a cabeça precisa ser aberto pelo coração. A educação do sentimento, portanto, é a necessidade mais urgente do nosso tempo.*

Num contexto racional e que, recentemente, tornou boa parte de nossas experiências virtuais, parece supérfluo discutir questões como essas. Mas, precisamos desmobilizar nossos corpos e deixá-los sentir, pois, como nos ensina a sabedoria oriental, o cultivo do corpo como integrante do eu é o caminho para a interioridade que não se fecha em si mesma, mas, enriquecendo-se, busca o outro.

Quando falamos de sensibilidade também não encontramos um conceito pronto que a explique, afinal, ela não é algo que pode se coisificar para ser definida. Mas, quando penso em sensibilidade como algo fundamental para que apreendamos o mundo de forma verdadeira e deslumbrante, me vem à cabeça a cozinha de nossa casa, um lugar que, por sua funcionalidade, desperta nossos sentidos e nos faz conhecer sabores, texturas, aromas e, muitas vezes, prazeres.

Não há um conceito que explique o gosto e o cheiro de um ramo de manjerição, é preciso senti-lo, saboreá-lo.

Somos possuidores de um corpo emocional e, não há aprendizado verdadeiro que não passe por ele. Para que deixemos nossos corpos sentir e aprender o mundo é necessário o movimento. Porém, desde pequenos, em nossa vivência escolar e familiar, aprendemos que é mais adequado que disciplinemos nossos corpos para a imobilidade. Nas escolas, por exemplo, as crianças e adolescentes só podem sair de suas carteiras nos momentos de educação física ou no horário do recreio. A estudiosa Márcia Strazzacappa ( 2001, p. 70) , afirma que nessas instituições:

*Constantemente, os alunos indisciplinados (lembrando que muitas vezes o que define uma criança indisciplinada é exatamente o seu excesso de movimento) são impedidos de realizar atividades no pátio, seja através da proibição de usufruir do horário do recreio, seja através do impedimento de participar da aula de educação física, enquanto que aquele que se comporta pode ir ao pátio mais cedo para brincar. Estas atitudes evidenciam que o movimento é sinônimo de prazer e a imobilidade, de desconforto.*

Além disso, nosso sistema educacional oferece uma Educação Artística que prioriza as artes plásticas em detrimento da dança, teatro, música, devido, principalmente, o despreparo dos professores. Isso destaca, mais uma vez, a priorização do corpo quieto, passivo e inexpressivo. Que pessoas a escola está formando? Será que eles estão sendo despertados para a arte?

Assim coloca Martins (2003, p. 73)

*A cada cem movimentos que uma criança poderia estar fazendo, faz somente cinco. E, de repente, estamos adultos (isto é, atingimos a idade*

*cronológica adulta), e alguém nos pergunta: "o que você está sentindo?" — e não é de estranhar que fiquemos perdidos, assustados até, com a pergunta, que, provavelmente, passará pelo crivo do "deixe eu pensar" para responder. Então, bem treinados, continuamos a pensar que pensamos, e respondemos — quando respondemos — um tímido e/ou enorme "não sei", ou mentimos: "Tá legal. Tá tudo bem!. Além de pensar que pensamos, pensamos que sentimos. A anestesia fará efeito, caso não haja uma guinada comportamental, até o último suspiro.*

As condições miseráveis, excludentes e violentas do mundo se devem ao modo como aprisionamos nosso corpo físico, mental e emocional, transformando-o em racional, egoísta e rígido. Tornamo-nos seres incompletos em busca de um sentido para a vida... Nosso corpo, realmente, se tornou uma realidade biopolítica, afinal, não é por acaso que estamos com nossa sensibilidade atada. E, a transformação desse quadro atual de crise, segundo Capra (1982), se torna impossível quando a sociedade conta com uma estrutura social rígida e que dita padrões de comportamento, pois ela não contribui com o processo criativo de evolução cultural.

Quando me interessei pelo trabalho desenvolvido na Abamba com a dança, busquei em pesquisas as mudanças que tal prática implicava na vida pessoal e social das pessoas e obtive a resposta de que as escolas que introduziram em seu cotidiano a prática da dança acompanharam significativas mudanças nas atitudes de professores e educandos, desde a diminuição de faltas, elevação de auto-estima, até a melhora nas atividades escolares e no convívio com os pares. A dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, mas também de suas capacidades imaginativas e criativas.

Diante todas essas colocações, penso que a arte-educação, que está sendo pensada por muitas ONG's, traz a possibilidade da arte se fazer presente na

formação de crianças e jovens do século XXI, pessoas que, certamente, agirão no mundo com mais sensibilidade e inteireza.

## CAPÍTULO 2: O TRABALHO DA ABAMBA

A Abamba é uma instituição não governamental que, desde 1997, desenvolve um trabalho sócio-educativo com meninos oriundos da periferia de Campinas e Região Metropolitana. Apesar de ser a formação profissional em dança o principal objetivo da instituição, outros elementos preenchem seu currículo, o qual dá espaço ao teatro, à música, às artes visuais e às artes circenses, visando, além da profissionalização, a formação artística desses jovens. Além disso, a Abamba oferece aos meninos e suas famílias apoio nas áreas da saúde, psicológica e sócio-familiar. Dessa forma, também são realizadas atividades de reeducação alimentar, hábitos de higiene e cuidados com a saúde.

Segundo os coordenadores da instituição, o projeto é de caráter voluntário, proporciona elementos para a socialização e a solidariedade, visa o desenvolvimento social, favorece a participação coletiva e estimula a participação das pessoas envolvidas. Mais especificamente, o projeto visa o desenvolvimento de habilidades exigidas na prática da dança e sua profissionalização na perspectiva da educação humanizadora, não esquecendo de oferecer aos adolescentes o acesso à profissionalização, ao lazer, à educação física, intelectual e emocional, por meio da arte, atendendo indicadores do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA - (1990), que em seu Artigo 3º do Título I coloca:

*A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.*

Um dos projetos da instituição é o Projeto “Cenas da Vida”, o qual cria e encena apresentações artísticas protagonizadas integralmente pelos educandos bailarinos-atores da ABAMBA. É uma maneira de colocá-los em contato direto com o público e permitir uma experiência profissional baseada na prática artística. Além disso, o projeto estimula a recuperação da auto-estima e de valores de cidadania, quase sempre perdidos nas condições de vida que levam na periferia.

Nos seis anos de existência desse Projeto, os alunos protagonizaram, individual ou coletivamente, cerca de 130 apresentações públicas ou privadas. O primeiro desses shows foi o “Amba, banda e samba”, com a participação da banda campineira (formada também por meninos de periferia) Bate Lata na trilha sonora, apresentado em 1998 e 1999, em Campinas, São Paulo e região.

No desenvolvimento desse trabalho abordamos a importância genérica da arte, mas, como o foco da Abamba é a dança podemos discorrer sobre tal prática.

Toda dança é uma forma de expressão. E, toda dança, independente de sua estética, surge da profundidade do ser humano. Segundo a estudiosa e bailarina francesa Jacqueline Robinson, a qual elaborou um diagrama (em anexo) que indica de forma clara a gênese e as diferentes aplicações da dança no mundo contemporâneo, toda a dança possui três motivações principais: a expressão, o espetáculo e a recreação (ou jogo).

A expressão é a motivação mais significativa da dança, sendo representada na árvore de Robinson como o tronco principal. É nesse tronco que se situam o teatro, a dança contemporânea, a educação e o lazer.

Ao redor deste tronco principal, com uma bifurcação para a recreação e outra para o espetáculo, estão as danças populares. Esta divisão existe porque as

manifestações populares podem ser a expressão de uma comunidade, como rito ou jogo, e ainda serem exploradas através de espetáculos. Há ainda as manifestações populares consideradas “puras”, ou seja, aquelas que não perderam seu caráter original de rito e que são chamadas por Robinson de danças primitivas.

No tronco denominado “recreação” estão as danças que são praticadas sem interesse, exclusivamente, profissional: danças de salão, ginástica rítmica e o jazz. Segundo Strazzacappa, o jazz teve sua origem na recreação, profissionalizando-se posteriormente, ao encontrar seu caráter espetacular, já a dança clássica, de origem estritamente espetacular e profissional, com o decorrer dos anos ganhou adeptos amadores que buscam essa rígida técnica como complemento da educação corporal formal.

Trazendo a idéia de Robinson para nosso contexto, vemos algumas danças populares brasileiras, como o forró, o samba, a lambada e recentemente o axé conquistaram os espaços dos cursos de dança de salão, passando da categoria popular de expressão para a categoria espetacular. Um outro exemplo é a dança de rua ou “street dance”, que surgiu nos guetos norte-americanos como forma de expressão e resistência e, hoje, ganhou muitos adeptos em comunidades, escolas formais e não-formais e até academias.

O diagrama de Robinson demonstra que a dança é motivada por vários fatores e também adquire diferentes funções. Para Porcher (1982, p. 163):

*Enquanto fato social, a dança reflete os desejos, as alegrias, as esperanças, os receios e as adorações de um grupo dentro de uma determinada época, de um determinado período dessa época; é o que explica a variedade dos temas de inspiração da dança, e das suas tramas.*

Diante do fato da dança estar sendo praticada em academias e escolas, é importante ressaltar que tal prática não deve ser vivenciada como uma série de

tarefas rígidas, afinal, seres humanos precisam que todos seus aspectos (sensível, espiritual, moral, racional) sejam desenvolvidos. E, de acordo com Porcher (1982), a riqueza da sua dança é diretamente proporcional à sua riqueza pessoal, ou seja, o dançar deve envolver a realização do ser no espaço, através de uma ação que engaja a personalidade inteira.

A prática da dança que respeita a corporiedade é uma forma de tirar o gesso dos corpos e resistir a padrões de gestos e comportamentos. Para Moreira (1995) o homem tem dificuldades em ser corpo, pois foi convencido que temos tal ou qual corpo, dessa forma as ideologias sempre conseguem inventar um corpo humano adequado para o cumprimento das ordens necessárias.

Precisamos reconhecer nossos corpos além de seu estado físico, assim, através dos movimentos expressaremos sensações, sentimentos e tornaremos nossos corpos um meio de comunicação com o mundo. Segundo Olivier (1995, p. 46)

*[...] o que marca o ser humano são as relações dialéticas entre esse corpo, essa alma e o mundo no qual manifestam, relações que transformam o corpo humano, numa corporiedade, ou seja, numa unidade expressiva da existência.*

Além disso, para JESUS (1992, p.16) as vivências corporais constituem um processo pelo qual colocamos em foco a própria existência:

*Meu corpo é minha única possibilidade de estar e ser aqui, assim, também, possibilidade de atuar, de fazer, de aprender, de me relacionar, de vir a ser, de eu me entender como um ser em constante transformação, percebida, consciente ou não.*

No capítulo seguinte conheceremos, pelas palavras dos próprios meninos, as conseqüências dessa educação que estimula o desenvolvimento artístico de seus

educandos, visando a formação de pessoas inteiras: possuidoras de corpo, razão, sentimento, percepção de mundo, consciência cidadã e objetivo profissional.

### **CAPÍTULO 3: DEPOIMENTOS: MENINOS BAILARINOS DA ABAMBA FALAM SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ARTE EM SUAS VIDAS**

**Depoimento 1: Adriano\*, 20 anos.**

**Pergunta: Pra você, qual a importância da arte?**

Essa pergunta sobre a importância da arte pra mim é meio complicada... Mas, hoje, ainda eu tenho isso um pouco mais claro, não totalmente. Pra mim, a arte me vem como tudo o que eu tenho, tudo o que eu sou. Acho que eu comecei a me entender mesmo, a me ver, me formar sozinho sem ter a opinião de ninguém quando eu entrei em contato com a dança, assim diretamente, sabe?

Até então, agente só tem contato com a arte era, assim, pela televisão ou na escola, mas eram umas coisas meio fraquinhas. Aí, quando eu entrei aqui na Abamba eu entrei em contato com a arte de verdade, aí eu entendi que arte estava na minha vida mesmo porque tudo o que eu passei a fazer era em função disso... Tudo o que eu fazia, o que eu pensava, falava era por causa da dança. Comecei até a conversar com as pessoas de uma forma diferente de como eu conversava antes, quando eu só falava de futebol, de meninas, essas coisas de moleque... **Depois do meu ingresso na Abamba mudou tudo, eu penso em arte, eu quero ver coisas, quero ir ao teatro, ler livros. Mudou todo meu comportamento, por isso que é difícil explicar a importância da arte.**

---

\* Nome fictício.

**Pergunta : Como se deu seu ingresso na Abamba?**

Eu entrei aqui na Abamba com 14 anos. Antes minha vida era o vôlei, aí eu me machuquei e desisti de jogar. Eu fiquei desanimado... Até que, minha irmã viu na televisão a propaganda da Abamba, e eu me interessei, apesar de não saber muito bem o que era... Dança pra mim era só axé, forró, essas coisas...

Então, eu vim conhecer a instituição e fazer uma audição. Mas, depois eu sumi, não voltei mais. Fiquei um ano sem aparecer. Foi então que o Beto (Diretor da Abamba) me procurou no colégio. Eu demorei um tempo pra ligar. Mas, depois minha mãe falou: “liga pra ver o que é” e eu liguei. O Beto estava me chamando pra vir pra Abamba. Eu fui pra cumprir o tempo de experiência de três meses e acabei ficando... No começo,, eu estava aqui por estar, estava sem fazer nada. **Mas, de repente, eu acordei e falei: o que é isso? Eu estou dançando, eu sou alguém...**

**Pergunta: E quando você realizou sua primeira apresentação, qual foi a sensação?**

A primeira vez que eu entrei no palco foi muito engraçado, eu dancei pela “Academia Viva a Vida” e eu estava na Abamba fazia apenas três meses. Foi um susto! Eu até comentei com o Beto na época: “Poxa, eu entrei aqui na Abamba, faz tão pouco tempo, e já estou dançando para outros lugares e ganhando meu dinheiro...”.

**Pergunta: A dança, pra você, é uma profissão?**

É. Eu já estou dando aulas. Ainda estou meio assustado porque é complicado. Eu sei que eu entendo das coisas, mas, eu nunca tinha pensado na hipótese de ter que passar esse conhecimento.

Quando o Beto (Diretor da Abamba) falou que ele gostaria que eu desse

aulas, levei um susto...Eu precisava lembrar tudo o que eu já havia feito, começar lá de baixo mesmo para ensinar tudo direitinho.E, eu sei que sou uma pessoa muito impaciente.Quero tudo rápido, sabe? Porém, para dar aulas eu tenho que estar mais devagar, explicar direito, se alguém apresentar dúvida tenho que sentar e conversar.

Eu ensino técnicas de circo, dou aulas de acrobacias e aéreas. Algumas vezes, agente pratica também o trapézio. Mas, é sempre puxado para a dança. Agente vê o circo mais dançado...

**Pergunta: Como sua família encara suas experiências com a dança?**

Na minha casa é meio dividido. Minha mãe apóia tudo, sempre apoiou desde o início. Como toda mãe, ela queria que eu me desse bem. Já, minhas irmãs, principalmente a mais velha, ela queria que eu fosse servente de pedreiro, que eu entregasse marmiteira no centro, sabe? Até hoje ela pergunta sobre quando vou começar a trabalhar. E, eu fico pensando: "poxa, eu faço o máximo que eu posso e ela está falando que eu não estou trabalhando". **Meu irmão estava preso e, quando ele voltou pra casa, foi logo dizendo que se eu dançava ballet eu devia ser "viadinho". Nossa, ele riu muito de mim... Mas, uma vez ele foi assistir uma apresentação e acabou chorando, então, ele pediu mil desculpas, foi cumprimentar o Beto (Diretor da Abamba) e disse que quer que o filho dele (12 anos) faça dança também...**

**Pergunta: Você disse que seu irmão foi preso. Porque você acha que acontece isso com alguns jovens?**

Meu irmão sempre fala que ele entrou nessa porque ele queria dinheiro e não queria trabalhar e porque que ele queria provar para os amigos que ele era homem

de verdade. Eu acho que o que mais influencia pra que isso aconteça é o grupo, isso é muito forte! Quando eu tinha 13 anos me ofereceram drogas, me chamavam pra roubar e quando eu recusei, me taxaram como “viadinho”, bobão, “froxo da turma”, sabe?... Através dessa pressão, muita gente cai e não consegue sair.

Eu acho que não existe muita oportunidade. Antes de eu conhecer a Abamba, em todo lugar que eu ia tinha violência, gente usando drogas, menino comentando que tinha realizado assalto, enfim. Agente sempre quer estar numa turma e, por vezes, tem que fazer essas coisas para ser aceito. Na periferia é bem assim.

**Pergunta: Você falou bastante sobre a homossexualidade, como você a vê?**

Um dia eu pensei: “Será que, porque eu estou dançando, eu tenho que ser viado?”.

Antes eu tinha essa preocupação. Até que, aqui na Abamba, comecei a ter contato direto com essas pessoas, e nunca ninguém mexeu comigo, sempre respeitaram minha opinião, ao contrário até das meninas.

Os homossexuais são muito espontâneos e sinceros e, hoje, meus melhores amigos e amigas são homossexuais. Agente estabelece uma relação próxima, com calor humano... Na classe artística, agente se cumprimenta com um beijo, abraços, sabe? É muito próximo... Agente sai junto, dorme um na casa do outro, respeita o outro... E com as pessoas heterossexuais, muitas vezes, isso não acontece.

**Pergunta: Como você pensa seu futuro?**

Atualmente, estou muito indeciso em relação ao meu futuro. Era pra eu estar em Manaus, numa companhia de dança, só que eu fiquei muito indeciso e preferi esperar entrar em alguma Cia de Dança em São Paulo. Mas, eu fico pensando o

tempo inteiro que eu não quero estar só com a dança, eu quero investir no circo e, principalmente, no tecido. Eu levo isso muito a sério.

Quando eu vejo bailarinos em apresentações, alguns nem são conhecidos, mas possuem uma presença, uma força... Diante disso, eu penso que quero ser assim, sabe? Como essas pessoas cheias de força que estão ali pra tudo.

Mas, mesmo se eu não trabalhar com a dança, a arte vai continuar na minha vida porque depois que você se envolve com ela, alguma coisa pede pra vc estar ali, participando de alguma forma. Nesse tempo que eu pensando se ia ou não à Manaus, eu parei de fazer muitas coisas e acabei sentindo uma falta de estar com as pessoas que eu gosto, de fazer coisas que eu gosto...

Esses dias eu estava conversando com minha mãe e acabei concluindo que eu estou aqui nisso (na Abamba, na dança), não por causa do dinheiro, minha mas porque as pessoas que eu encontro aqui nesse meio são muito próximas e isso me faz muito bem. É uma satisfação estar perto dessas pessoas, sinto uma alegria que eu não sei se vou encontrar em outro lugar, sabe?

**Foi aqui que aprendi muitas coisas... Hoje, eu pinto algumas coisas, escrevo poesias... Não sei se a palavra certa é aprender, mas foi aqui que eu vi, que eu entrei em contato, que eu descobri que existia a arte... Tudo que eu tenho como base, o que me mantém é a Abamba. Acredito que se eu não estivesse aqui, eu teria caído na mesma que meus colegas caíram, sabe? Talvez eu estaria roubando ou estaria fazendo alguma coisa que não tivesse nada a ver com a arte.**

## **DEPOIMENTO 2: André\*, 17anos.**

### **Pergunta: Pra você, qual a importância da arte?**

Para mim a arte é como um direcionamento. Um direcionamento de vida. A dança é uma coisa que me faz bem, em que eu me sinto bem... Acredito que a arte veio pra me dar respostas pra todas as questões que eu tinha dentro de mim. Porque muitas vezes eu ficava sem respostas sobre o que estava acontecendo. E sempre, de alguma forma, a arte me dava uma resposta do que era e do que não era pra ser.

**O que eu sou hoje é devido à arte. Meu desenvolvimento veio em torno da arte porque eu passei a ver o mundo de uma forma diferente, com mais percepção, mais visão. E, essa percepção de mundo elimina todo o tipo de barreira, de máscara, todo tipo de machismo, todo tipo até de preconceito.**

Com a arte eu quebrei muitas barreiras. Quebrei barreiras na minha casa, com as pessoas na rua. Mostrei pra minha família que eu posso ir até onde eu quiser... Então, a arte quebra barreiras, dá alegria, faz chorar, faz ver a realidade ou não, é tudo. É a união de todas as coisas, é a união de todas as culturas, de todos os sentimentos, enfim.

### **Pergunta: Para que sentido a arte está direcionando a sua vida?**

Quando você está aqui no projeto Abamba seu foco é ser um bailarino. E, é isso o que eu quero muito, ser um bailarino profissional, não sei se clássico ou neoclássico, **mas eu sei que eu quero trabalhar com a dança porque ela é a melhor forma de expressão para mim. Quando eu estou dançando, esqueço de todo o resto, do**

---

\* Nome fictício.

**problemas, de que há mundo, fico ali sentindo uma sensação maravilhosa de estar executando os movimentos...**

Hoje, eu penso em fazer outras coisas como uma faculdade de dança pra saber realmente o que é cada tipo de dança.

**Pergunta: Quando você entrou em contato com a arte?**

Eu comecei a me envolver com a arte aos 11 anos de idade. Eu participava de um grupo assistencial lá do meu bairro(Centro Assistencial Vedruna) que ajudava as crianças a saírem da rua.

Eu fiquei lá um tempo, participando de um grupinho de coral e outro de dança. Eu sempre gostei muito de dança, então, uma Assistente Social do Centro Vedruna ficou sabendo da Abamba e ela marcou uma audição pra mim. A principio, eu fiquei muito nervoso pra fazer a audição porque era uma coisa que eu desconhecia, mas eu tinha muita curiosidade. Acho que esse é o porque de eu estar aqui hoje, a curiosidade.

Passou um mês e recebi a proposta pra ficar na Abamba por três meses de experiência. Foram experiências que realmente valeram a pena, eu me sentia muito bem tanto nas aulas de ballet, como em todas as outras: aulas de teatro, aulas de cidadania, de matemática e anatomia.

**Pergunta: Como sua família vê sua experiência com a arte?**

A principio, nos três primeiros anos, era tudo bem. Mas, quando eu fiz 15 anos começou a pressão para eu trabalhar. O importante para minha família era que eu levasse dinheiro pra dentro de casa. Além disso, eu precisava enfrentar um outro problema na minha casa: a sexualidade.

Então, eu fiquei um ano fora da Abamba. Mesmo assim, a arte não deixou de me dar força e estabilidade. Tudo o que eu tinha aprendido nos três anos antes tinham me dado uma base importante para, lá fora, eu conseguir caminhar.

Eu me encontrei em diversos momentos que não foram fáceis. Eu estava próximo à drogas, roubo e isso, as vezes, faz agente se envolver. Mas, acabei tendo uma sensibilidade, para o que era melhor pra mim. Então, tudo o que eu tinha aprendido aqui na Abamba me deu força pra que eu não cedesse às coisas que não iam me fazer feliz.

Na minha casa eu acabei perdendo espaço, eu já não era mais respeitado. Eu não tinha meu espaço pra estudar, pra ler, pra ficar comigo mesmo. Aconteceu que dois familiares meus morreram e essas duas pessoas moravam com a minha avó, a qual ficou sozinha. Por isso, resolvi ir morar com ela. Isso me encorajou a eu voltar para arte, para a Abamba. Nesse período, apareceu uma mulher que me ofereceu um trabalho num período após a Abamba. Então, tudo estava encaixado, parece coisa de Deus.

Minha mãe e toda minha família de Campinas já me viu dançar, menos meu pai. Minha mãe me apoiava, mas depois que eu voltei à Abamba ela nunca mais me assistiu. Mas, minha sabe que a dança é pra mim.

**Pergunta: Como é a sensação ao pisar no palco?**

Eu fiquei muito nervoso, mas, acho que foi tão projetada pra mim aquela apresentação que eu me senti muito bem. Muitas pessoas que eu conhecia estavam ali para me assistir. A sensação é como uma brasa, você está lá na cochia só esquentando, aí quando você entra no palco aquela chama cresce... É uma sensação ótima de fazer aquilo que você gosta, aquilo que é melhor pra você.

E, com certeza isso me motiva. Quando você treina um passo de uma coreografia você quer fazer isso da melhor forma possível. Então, é sempre uma busca de melhorar, melhorar, melhorar sempre! Eu estou no placo, sempre tentando fazer o meu melhor.

**Pergunta: Como você acha que seria sua vida se a assistente social do Centro Vedruna não tivesse trazido você para Abamba?**

Na Vedruna, eu tinha educação e alimentação. Mas, eles tinham um direcionamento todo focado no trabalho. Tudo o que eles passavam lá dentro eu tentava captar. Eu conheço pessoas que saíram de lá e hoje trabalham, têm uma vida legal. Mas, acredito que nenhuma das profissões que eles ofereciam iam me fazer tão bem como estou hoje.

Acredito que eu teria capacidade, sim, de me estabilizar, mas não seria tão feliz. A melhor coisa que eu fiz foi ter entrado nesse projeto (Abamba), porque a dança é uma coisa que eu gosto.

**Pergunta: E a escola regular, normal, ela contribuiu para o que você é hoje?**

A escola pra mim dá uma base, proporciona a convivência com as pessoas, mas, eu não tenho muito que dizer da escola. Foi lá que eu aprendi matemática, português...Mas, também, toda a minha relação com livros nem foi influenciada pela escola. Eu vejo que meus amigos da escola não gostam de ler, e concluo que minha paixão por leitura começou aqui mesmo (Abamba).

Eu ouço meus amigos da escola falando: "hoje, eu vou chegar da escola e dormir a tarde inteira". Então, eu fico me perguntando quando que eu vou dormir a

tarde inteira. Descansar... Isso nunca... É escola de manhã, dança à tarde e depois, à noite o trabalho até as 21 ou 22 horas.

O que me impulsiona a não desistir de tudo é o fato de eu estar envolvido com a arte, de saber que eu vou ter um futuro maravilhoso, de prestígio, de mais reconhecimento e até de estabilidade financeira. É uma coisa que realmente vai me fazer feliz e a busca da felicidade é constante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os estudos pertinentes à realização deste trabalho somado ao conhecimento de trajetórias ricas em arte dos meninos bailarinos da Abamba, pude desvendar a importância que as vivências artísticas têm para nós, seres humanos.

Esta questão, ao olhar superficial e simplista, pode parecer supérflua frente a tantos rígidos problemas sociais que enfrentamos diariamente: violência, fome, drogas, desemprego, corrupção, etc.

É apontado por Capra (1982) que a fragmentação característica do meio acadêmico e governamental é tão grande que os especialistas já não conseguem resolver os problemas sociais resignados às suas áreas de estudo e especialização porque o conhecimento é dividido em partes, o que coloca limites para uma concepção de mundo e indivíduo como um todo, assim como, impedimentos para que revisemos nossas concepções culturais.

Vivemos numa sociedade que preza a rigidez e a inércia de suas estruturas sociais, estamos sempre em busca da normalização, ou seja, do fixar o normal de acordo com valores preponderantes e, assim, normalizar o diferente e engessar os comportamentos, movimentos e vontades. Acontece, então, que acabamos por dispensar a necessidade de olharmos o mundo e de nos conhecermos como seres ímpares em prol da entrega de nossas vidas a um curso normal de resistência a nós mesmos, o que inviabiliza a transformação social.

Diante disso, a arte pode ser um grande e forte instrumento para que busquemos um autoconhecimento e, por conseqüência, uma nova estruturação social. Ostrower, ao discutir a questão da arte na educação e, portanto, na

sociedade, diz que ela pode ser um caminho maior de conhecimento e caminho, a um só tempo, de conscientização do indivíduo, pois, ao realizar suas potencialidades, ele também realiza sua individualidade e, ainda, do modo mais abrangente, é caminho de crescente humanização da vida. Portanto, não podemos conceber a arte como um mero enfeite ou luxo, mas sim como um elemento inerente à estrutura humana.

Essa afirmação e todos os escritos que desenham este trabalho de conclusão de curso apontam a indispensabilidade da arte na vida humana, portanto, temos que pensar a arte na educação, a qual pode acontecer em diferentes contextos e dentre eles, na escola formal, onde crianças e jovens ficam grande parte de suas vidas. Por isso, temos que modificar essa instituição que ainda valoriza a mente em detrimento da alma, do corpo, dos sentimentos e da intuição. Mas, essa mudança no meio educacional depende de uma mudança de paradigma da própria sociedade.

Dettoni (2001, p. 135) assim coloca:

*Se a vida do “homo sapiens” ou do “animal racional” não é só sabedoria nem só racionalidade, e se, de fato, é muito de mito e de sensibilidade, o homem ou se educa esteticamente ou sua “educação” o deforma.*

Caso continuemos preocupados demasiadamente com o futuro em detrimento do presente; com a produção de saberes que eliminam a heterogeneidade e, portanto, a as várias formas de existir no e com o mundo; com a competição; com o nossos interesses egoístas; dificilmente caminharemos para uma formação humana sensível e criativa que possibilite a percepção do próprio eu, o que tornaria a vida mais significativa e refletiria inúmeros benefícios para toda uma comunidade.

Foi numa pequena comunidade – a Abamba – que encontrei um grupo de pessoas que modificou o paradigma e que busca uma formação pessoal nas vivências artísticas. E, conversando com dois dos meninos bailarinos vi o quanto a arte pode contribuir concretamente para o traçar da vida dia-a-dia. Assim declara um deles:

*O que eu sou hoje é devido à arte. Meu desenvolvimento veio em torno da arte porque eu passei a ver o mundo de uma forma diferente, com mais percepção, mais visão. E, essa percepção de mundo elimina todo o tipo de barreira, de máscara, todo tipo de machismo, todo tipo até de preconceito.*

Espero que este pequeno estudo auxilie pessoas a encontrarem meios artísticos para exprimir sensações, sentimentos, movimentos e pensamentos, possibilitando, assim, uma abertura para a percepção de si mesmo no mundo. Além disso, espero que educadores possam enxergar seus “alunos” como seres inteiros que precisam que todos os aspectos – razão, emoção, espiritualidade – sejam aprimorados e valorizados no meio escolar em prol da significação da vida.

## Referências Bibliográficas

- **BARBOSA**, Ana Mae. Historia da Arte-Educação (Org.). Sp, Ed. Max Limonad, 1986. SAO PAULO: MAX LIMONAD, 1986.
- **BRASIL**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8069/90. São Paulo, Atlas, 1991.
- **BUBER**, Martin. Eu e Tu. Introdução e Tradução de Milton Aquiles Von Zuben, 2ª. Edição. São Paulo, Livraria Cortez e Moraes, 1979.
- **CAPRA**, Fritjof. O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo, SP: Ed. Cultrix, 1982.
- **CASSIRER**, Ernest. Antropologia Filosófica. 2ª. Edição. Tradução de Vicente Félix de Queiroz. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977.
- **CAVALLARI**, Thais Adriana. Consciência corporal na escola. Campinas, SP:2005. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação Física/ UNICAMP.
- **CÈSAR**, Osório. (1929). *A expressão artística nos alienados. (contribuição para o estudo dos símbolos na arte)*. São Paulo: Oficinas Graphics do Hospital de Juquery
- **DETONI**, José. Arte como personalização (educação) da pessoa (Fundamentos antro-po-estéticos da arte-educação). Tese de Doutorado, Unicamp, Campinas, 1991.
- **DUARTE JÚNIOR**, João Francisco. Por quê Arte-Educação? 3ª. Edição. Campinas, Papirus, 1986.
- **FOUCAULT**, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1986

- **JESUS**, Adilson. Vivências Corporais: Proposta de Trabalho de Auto-conscientização. Campinas, SP: 1992. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação Física/UNICAMP.
- **MARTINS**, Ademir. Expressão corporal é pleonasma. Caderno de Textos : Educação, Arte, Inclusão / organização André Andries. Vol. 1, Rio de Janeiro: Funarte, 2002
- **MAUSS**, Marcel. Le techniques du corps. *Journal de Psychologie*, XXXII, nº 3-4, 15 mars/15 avril, 1936. Comunicação apresentada à Société de Psychologie em 17 maio 1934, In: *Sociologie et Anthropologie*, PUF, 1966.
- **MOUNIER**, Emmanuel. Personalismo. Lisboa. Livraria Moraes Editora, 1960.
- **MOREIRA**, Wagner Wey, Corpo presente num olhar panorâmico. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). Corpo presente. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- **OLIVIER**, Giovana Gomes de Freitas. Um olhar sobre o esquema corporal, a consciência corporal e corporeidade. Campinas, SP: 1995. Dissertação de Mestrado– Faculdade de Educação Física/ UNICAMP.
- **OSTROWER**, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990
- **PORCHER**, Louis. (org.) Educação Artística: Luxo ou Necessidade?. Tradução Yan Michalski. São Paulo, ed. Summus, 1982.
- **ROBINSON**, Jacqueline. *Le langage chorégraphique*. Paris: Vigot, 1978.\_\_\_\_\_. *L'enfant et la dance*. Paris: AAA Siegfried, 1993.
- **SCHILLER**, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. Tradução de Roberto Schwarz.. São Paulo, Herder, 1963. Primeira edição.
- **STRAZZACAPPA**, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. Cadernos Cedes, ano XXI, no 53, abril/2001 69

- **VINCENT**, Luc. Educação e Liberdade – Kant e Fichte. Trad. De Élcio Fernandes. São Paulo, SP: Ed. Unesp, 1994.

ANEXO

